

MODOS DE VESTIR NO SÉCULO XVIII EM GOIÁS

Dress in the 18th century Goiás

Finotti, Nélia Cristina Pinheiro; Doutoranda. Universidade Federal de Goiás, neliafinotti@gmail.com. Grupo de Pesquisa (CNPq/UFG) Indumenta: dress and textiles studies in Brazil, Bolsista Capes¹.

Andrade, Rita Morais, Profa. Dra., Universidade Federal de Goiás, ritaandrade@ufg.br. Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq/UFG) Indumenta: dress and textiles studies in Brazil²

Resumo: A proposta de pesquisa parte da seguinte problemática: quais os modos de vestir do século XVIII em Goiás e suas representações iconográficas? A investigação está centrada nos modos de vestir e sua diversidade, pluralidade e interculturalidade que contribuíram para a formação do povo daquele período no estado. O objetivo do estudo é identificar os modos de vestir do século XVIII em Goiás a partir das imagens e elaborar desenhos interpretativos para auxiliar o estudo. A metodologia adotada pauta-se na abordagem qualitativa/interpretativa, na pesquisa documental e no uso de recursos gráficos para a elaboração de desenhos.

Palavras chave: Modos de vestir; Século XVIII em Goiás; Identidade e interculturalidade.

Abstract: *this paper presents the work-in-progress of a doctoral research project which investigates dress in 18th century Goiás and its iconographic representations. The investigation is centered on the ways of people's dress and its diversity, plurality and interculturality that contributed to the formation of the population of that period in Central Brazil. The objective of the study is to identify the ways of 18th century dress in Goiás from the images and to elaborate interpretative drawings for the auxiliary study. The adopted methodology is based on a qualitative/interpretive approach, on documental research and on the use of graphic resources for the elaboration of drawings.*

Keywords: : 18th century dress in Goiás; Identity and interculturality, dress history in Brazil.

¹ Doutoranda em Artes e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Ciências Sociais e Humanidades pela Universidade Estadual de Goiás; especialista em docência Universitária pela Universo-Goiás, Graduada em Design de Moda pela Universo-Goiás. Pedagoga pela FALBE. Membro do Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade (GEFOPI). Membro do Grupo de Pesquisa (CNPq/UFG) Indumenta: dress and textiles studies in Brazil. Bolsista Capes.

² Doutora em História, Mestre em História Cultural, Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana e em Museologia, Bacharel em Moda. Professora Associada da Universidade Federal de Goiás atuando na graduação e pós-graduação da Faculdade de Artes Visuais e do Programa UFG Doutoral. Realizou estágio pós-doutoral no Programa Avançado de Cultura Contemporânea - PACC/UFRJ com o tema "Indumentária em museus no Brasil". Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq/UFG) Indumenta: dress and textiles studies in Brazil (UFG/CNPq). Orientadora do projeto de doutorado que originou este artigo.

Introdução

A presente proposta de investigação centra-se nos modos de vestir do século XVIII em Goiás. Para a pesquisa delimita-se o estudo a partir de 1727, data que o estado foi colonizado por Bartolomeu Bueno da Silva, onde fundou a primeira capital, chamada de Arraial de Santana até 1800 (atual Goiás Velho).

A pesquisa tem como premissa identificar a formação da população à época em sua diversidade: povos originários escravizados e colonizadores. Queremos investigar quais eram os modos de vestir destes habitantes, de onde chegavam os materiais para esta construção do fazer as roupas e que registros temos daquele período. Sabemos que havia relações de comércio e migração inter-regionais no período colonial, principalmente entre Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Bahia. A pesquisa visa localizar este trânsito de identidades culturais via registros de relatos de viajantes que por Goiás passaram, a partir de documentos históricos textuais e iconográficos, particularmente presentes em inventários dos arquivos públicos. O objetivo central é discutir a construção da identidade regional em sua pluralidade e interculturalidade.

A pesquisa está assente no projeto de doutorado da primeira autora sob orientação da segunda autora, compondo com as finalidades do Grupo de Pesquisa (CNPq/UFG) Indumenta: dress and textiles studies in Brazil, que visa construir um panorama histórico dos muitos modos de vestir no Brasil. O objetivo específico do projeto de doutorado é analisar o modo de vestir do século XVIII em Goiás e suas representações. Com base no objetivo apresentado a configuração do problema se estrutura no seguinte questionamento: “Quais os modos de vestir do século XVIII em Goiás e a partir de quais recursos é possível dar visibilidade a essas histórias?”

A metodologia adotada na pesquisa pauta-se nas abordagens qualitativa/interpretativa. Esta pesquisa se configura enquanto bibliográfica, documental e empírica. Os modos de vestir do século XVIII em Goiás serão investigados via registros, documentos históricos, relatos e, sobretudo numa perspectiva interpretativa-hermenêutica, advindas das contribuições de Arrais (2018, 2019), Coelho (2013), Chaul (2010), Palacín (2008), Valdez (2003) em seus discursos

do século XVIII em Goiás; Bartes (2005, 2009, 2012), ao abordar o sistema e imagem de moda e Hall (2016, 2019) em seus discursos de representações e cultura. Esse caminho metodológico pluritópico permitirá uma aproximação de leituras dos campos da formação do povo em Goiás no século XVIII, vestimenta, cultura, identidade e interpretação dos registros em texto e imagem. O tema da pesquisa é bastante inovador no tocante aos estudos históricos do vestuário dos povos brasileiros. Sobre os modos de vestir em Goiás do século XVIII, não localizamos nenhuma publicação ou estudo com este tema específico até o momento, o que indica a oportunidade de uma pesquisa original que contribua para o campo de estudos sobre vestuário e moda, especialmente para populações historicamente invisibilizadas.

A partir de um levantamento inicial, já é possível dizer que os estilos de vestimenta presentes na composição de determinadas regiões se impõem como formas que permitem a caracterização, identificação e reconhecimento de um determinado grupo social no espaço e no tempo ou de tradições, o que precisará ser problematizado em função dos impactos da colonização e também da colonialidade. É pela possibilidade de ser interpretada como expressão que a vestimenta será compreendida como identidade e cultura, uma vez que permite a materialização e o registro em contextos plurais e interculturais.

O tema dessa pesquisa está pautado na valorização e visibilização da cultura goiana, a partir de uma perspectiva decolonial sobre as vestimentas e os modos de vestir das suas populações no período colonial.

Um pouco do projeto de pesquisa: uma história ainda embrionária

A primeira capital do estado de Goiás surgiu pela colonização do estado, no século XVIII, por Bartolomeu Bueno, filho de Bartolomeu Bueno da Silva. De acordo com Arraias, Oliveira e Lemes (2019), os bandeirantes saíram de São Paulo em 1722, com 152 homens, entre portugueses, paulistas, indígenas e clérigos, sendo que muitos morreram pelo caminho de fome e doenças, e outros abandonaram a bandeira. Em 1727, Bartolomeu Bueno fixa acampamento em Goiás, fundando o que seria a capital, intitulada Arraial de Santana, depois Vila Boa de

Goyaz, e atualmente, Cidade de Goiás, conhecida também por Goiás Velho. Os bandeiras, liderado pelo bandeirante Bartolomeu, vieram para o estado em busca das riquezas (ouro, prioritariamente), ou seja, para explorarem e levarem para a colônia de Portugal as riquezas que encontrassem na região. Este foi considerado o único núcleo urbano da capitania de Goiás a ser elevado à condição de vila com o nome de Vila Boa de Goiás que, ao longo do século XVIII, tornou-se o espaço das instituições administrativas do estado (ARRAIAS, OLIVEIRA E LEMES, 2019).

Para os autores Arraias, Oliveira e Lemes (2019), Palacín e Moraes (2008) e Chaul (2010), nas regiões do estado de Goiás havia uma população nativa, os indígenas. Para a formação do povo que habitava o estado no século XVIII, podemos destacar os que vieram juntamente com os bandeiras: os escravos, nascidos no Brasil ou os vindos da África; os indígenas, vindos de outros lugares; e o clero. De acordo com Palacín e Moraes (2008), os bandeiras não traziam suas mulheres, e a população que aqui se formava era da união do concubinato entre os bandeiras, as indígenas e as escravas.

Assim, eram formadas as famílias, com filhos que eram batizados, porém sem casamentos, pois muitos já eram casados, outros pela questão social e outros por não possuírem condições financeiras para custear o casamento, cujo valor cobrado pela igreja era bem alto. De acordo com Palacín e Moraes (2008), a população era predominantemente masculina e solteira, posto que, segundo Auguste de Saint-Hilaire (1975, p. 53), “Entre os capitães-generais que governaram a Província de Goiás até 1820, não houve um só que fosse casado, e todos tinham amantes com os quais viviam abertamente”.

Dessa forma, Goiás foi sendo constituído por diferentes povos, destacando-se, pois, a importância das culturas na construção de identidades que, para Hall (2019), acontecem na relação com as pessoas que medeiam os valores, sentidos e símbolos, ou seja, a cultura. Para além disso, acreditamos ser importante a valorização da cultura na constituição de identidade de um sujeito e do coletivo social. A identidade é, portanto, formada na interação do sujeito com a sociedade, num diálogo contínuo com o mundo. O sujeito nesta relação projeta e internaliza imagens e símbolos que irão constituir sua identidade numa relação dinâmica e constante.

Visto que alguns autores como Palacín e Moraes (2008) e Arrais, Oliveira e Lemes (2019) relatam a presença da elite no arraial, cuja origem é de São Paulo, oriundos de Portugal, e outros como Saint-Hilaire (1975) e Pohl (1976) negam a existência dessa elite, este será um caminho a ser percorrido: encontrar registros históricos que informem se houve ou não elite em Goiás no século XVIII e o que exatamente se constitui nesse grande categoria de “elite”. Palacín e Moraes (2008) pontua que os povos eram conhecidos pela sua riqueza, por possuírem muitos escravos; e os pobres pertenciam a duas classes: os que possuíam poucos escravos e os que não possuíam nenhum. Este será outro percurso: investigar as diferenças nos modos de vestir entre a população rica e a população pobre, considerando a diversidade desse espectro.

Para compreender a situação econômica do estado nesse período, recorreremos a Palacín e Moraes (2008) que apontam que a economia era composta pelo ouro, época conhecida como a era do ouro em Goiás e também como o período colonial da história do estado. O comércio era abastecido por São Paulo, de onde vinham comida, roupas, medicamentos, dentre outras coisas, sendo esse comércio um monopólio de Portugal.

Os relatos levantados dos viajantes Auguste Saint-Hilaire (1975) e de Emanuel Johann Pohl (1976), que por aqui passaram no início do século XIX, descrevem uma população extremamente pobre, indolente, sem educação, sem moral, sem regras, dentre outros atributos especialmente levantados a respeito da mulher. Sobre isso, Maria Lemke (2012, p. 279), em sua tese de doutorado, questiona esta ideia levantada pelos viajantes que destacam “assentadas no tripé ‘ócio, ausência de famílias e pobreza generalizada’”. Para a autora, há uma dicotomia entre essas características do povo que habitava Goiás nessa época, esclarecendo que o espaço do pobre e do rico eram bem diferenciados, pois havia fazendas de agricultura de sistema familiar, com raridade de escravos, assim também a pecuária existente na região, contava com trabalhadores livres, com ou sem remuneração.

No que diz respeito às mulheres do século XVIII, há pouco, ou quase nada informado na literatura consultada, apenas a descrição dos viajantes citados que por Goiás passaram no início do século XIX. Tais viajantes relatam que as mulheres viviam em um ambiente austero, enclausuradas e que pouco participavam da vida social local. Esses apontamentos nos levam a



16º

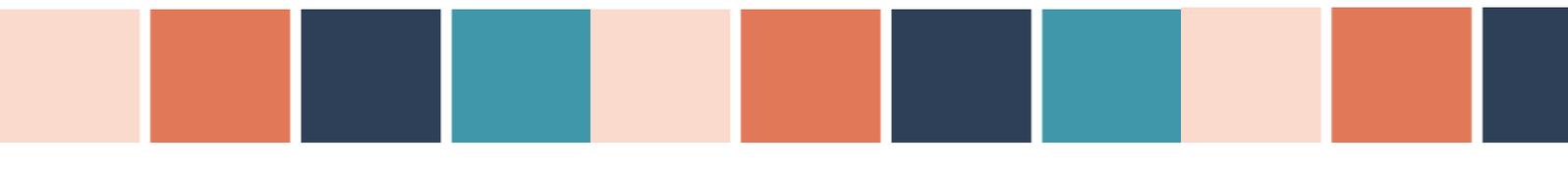
COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

duvidar dessa pobreza extrema e também dessa população elitizada, algo a ser também investigado nesta tese.

Até o momento, não foi possível encontrar nenhuma referência, relato ou imagem dos modos de vestir do estado de Goiás no século XVIII. Para tanto, buscaremos as referências destas vestimentas do século XVIII no Brasil e em outros países para apresentar a importância da vestimenta para o reconhecimento da cultura e da identidade de um povo. Sobre isso esclarece Pegoraro (2011): a epistemologia da cultura quer dizer uma condição constitutiva de práticas sociais, as quais dependem e têm relação com diversos significados; e já o autor Hall (2016) faz uma análise política da cultura e, a partir da noção de representação e de significados compartilhados, conceitua e relaciona os conceitos de representação, linguagem, cultura, semiótica, signos, dentre outros. Neste contexto, as vestimentas trazem conceitos que podem ser compreendidos como cultura e, a partir dessa perspectiva, permitem e legitimam formas de comunicação relacionadas a uma sociedade, em um determinado tempo, e também às suas culturas, linguagem, aos seus signos e significados. Assim descreve Eco e Lomazzi (1989, p. 7): “moda é comunicação”.

Como as diversas esferas da cultura, a vestimenta é uma das formas de expressão mais legítima e espontânea de um povo, pois reflete nosso tempo, nossos valores e nossos desejos. E, nesses tempos conectados, mais que uma imposição de mercado, a vestimenta é a manifestação democrática de como pensa e age a sociedade, transformando-se em identidade de um povo. Sobre isso esclarece Andrade (2017, p. 203), dizendo que “[...] pensar em uma indumentária relativa a um país, a uma nação ou a um povo, implica dar contornos às formas de vestir que traduzam ou identifiquem essa nacionalidade ou cultura correspondente”. A autora ainda afirma que é importante compreender a indumentária como sendo um conjunto de artefatos que vestem o corpo, o qual não está limitado somente ao vestuário, mas aos adornos corporais que os compõem. Este conceito compreende a diversidade dos modos de vestir e, considerando a indumentária, sob uma perspectiva antropológica, como cultura material que não deve ser compreendida dissociada da vida social, sendo o estudo da indumentária inserido no contexto de patrimônio material e imaterial da humanidade.

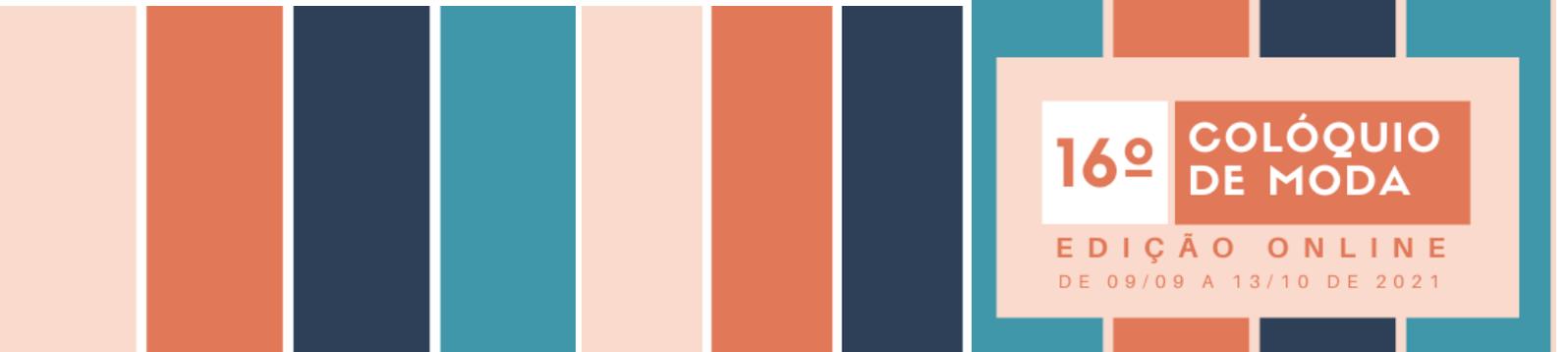


O vestuário, utilizado como fusão entre o corpo e a cultura, tem diversas funções, cujas origens são complexas, uma vez que passou por grandes transformações e adaptações e, ao longo do tempo, contou com técnicas aprimoradas de utilização da pele de animais, chegando à descoberta da fibra, com a qual se iniciou o desenvolvimento do vestuário mais elaborado. Nesta época, o uso de materiais diversos fez com que a vestimenta ganhasse um valor estético e simbólico dentro das civilizações; e os vestidos e mangas das roupas, por exemplo, foram mudando de comprimento, alguns mais adornados e outros mais simplificados. Portanto, o vestuário, por ser íntimo aos corpos e estar associado às suas necessidades, tornou-se um meio de comunicação de grande impacto na vida das pessoas (JAMES LAVER, 1989), posto que a roupa, o vestir e o ornamentar estão ligados diretamente ao homem desde sua existência (BARTHES, 2005).

Assim como esclarece Michel Foucault (2008) que, ao iniciar uma pesquisa, tem-se uma proposta carregada de questionamentos e suposições a serem investigadas, nossa pesquisa, em estágio inicial, aponta que há vários enunciados que precisam ser estudados e compreendidos, tendo como linhas principais as vestimentas goianas, suas simbologias, significados e significantes de uma indumentária que busca compreender qual a identidade representativa cultural do povo goiano do século XVIII.

Experimento da construção da primeira imagem

Não foi possível encontrar imagens, registros históricos, gravuras ou qualquer informação do modo de vestir dos povos de Goiás do século XVIII. Assim, para construir as imagens das vestimentas dessa população, será utilizado o método dedutivo, partindo de documentos e registros sobre o modo de vestir do século XVIII de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, pois a pesquisa nos aponta que os habitantes de Goiás vieram destes lugares. Também serão utilizadas referências de imagens dos portugueses, paulistas, indígenas, escravos e padres das referidas regiões durante esse século.



16º

COLÓQUIO
DE MODA

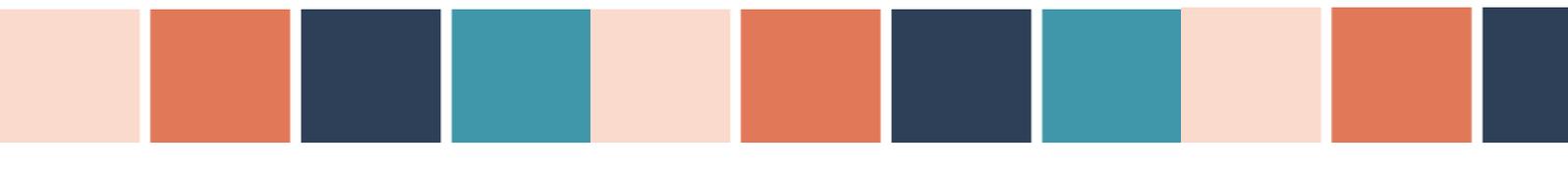
EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

A construção de imagens desses povos que aqui habitaram no século XVIII, possibilitará a visibilidade dos invisíveis. Para Mirzoeff (2016), a imagem permite o direito a olhar e a reivindicar o real, o lugar onde tais códigos de separação significam uma recusa à segregação de forma coletiva. Neste ponto de vista, a perfeição sentida como estética, é compreendida enquanto separações engendradas, embora visíveis apenas por uma minoria crítica da humanidade.

Para a apresentação da pesquisa, dividimos os povos em grupos, sendo o primeiro grupo de etnia: indígenas, escravos, bandeiras, clero; o segundo por sexo: masculino e feminino; em terceiro: poder aquisitivo; um quarto agrupamento pelos modos de vida e trabalho; e, um quinto e último grupo de acordo com as festividades: civis, religiosas e particulares. Ainda, buscaremos relatar as vestimentas das crianças da época.

Para a construção da primeira imagem, buscamos retratar o homem do campo, o trabalhador das minas, aquele que veio de São Paulo com os bandeirantes para enriquecer com o ouro e, para tanto, foi utilizada uma referência desse estado. Em uma tentativa de construção dessas visualidades, buscamos também conhecer os materiais usados no século XVIII para a construção destas vestimentas, tais como: tecidos, cores e formas, bem como saber qual era o cotidiano desse povo, como poderiam se vestir para diferentes momentos. A partir dessas pesquisas, foi possível dar início aos esboços das vestimentas daqueles povos de Goiás que possuíam uma vida simples e, ao que tudo indica até o momento, usavam camisas em sua maioria de cores neutras, tecidos de algodão, e calças de tecidos de um tipo ainda não identificado em registros.

A forma como a vestimenta era composta, no geral, parecia não ser muito diferenciada dos demais trabalhadores brancos. Acredita-se que a composição entre os itens de vestuário era uma camisa de mangas longas dobradas até o cotovelo, com calças também dobradas, até perto do joelho, pés descalços que poderia ser para facilitar a lida nas minerações no rio. Para complementar a vestimenta, nas referências encontradas até agora, percebeu-se o uso do cinto de couro e do chapéu que podem ser interpretados como um costume da época. Apenas os brancos utilizavam calças compridas, camisas e chapéu, talvez uma forma de se diferenciar



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

socialmente na época. Esse nosso esboço está representado nas figuras abaixo e foram aperfeiçoados pelo artista plástico Edson Arruda.

Figuras 01 e 02 – Homem branco trabalhador das minas



Fonte: Esboço da autora, Nélia Finotti e aperfeiçoamento do artista Edson Arruda, 2021.

Na ilustração acima, foi possível retratar, ainda que de forma inicial, um dos arquétipos que viveu no século XVIII em Goiás. No primeiro momento, foi desenvolvido um rascunho desse homem e suas vestimentas, mas a pesquisa precisa ainda avançar para melhor representação do fenótipo desse sujeito do estado colonial, como a cor da pele, tipos de cabelo, barba, dentre outras características que podem melhor informar os modos de vestir.



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Se por um lado, a imagem mostra as possibilidades das vestimentas utilizadas no século XVIII em Goiás, por outro, podemos questionar esses mesmos corpos vestidos e desenhados em sua real existência e a forma como foram invisibilizados, ou como poderão ser visualizados.

Considerações finais

Esta pesquisa, ainda embrionária, possibilitará a construção das visualidades das vestimentas do século XVIII em Goiás. Esperamos alcançar como resultados da pesquisa um material visual que possa apresentar os diferentes modos de vestir dos que habitavam em Goiás no século XVIII por meio de gravuras feitas pela primeira autora sob orientação da segunda. Embasadas nas pesquisas textuais e imagéticas, será possível apresentar visualmente e sinteticamente seus modos de vestir. Consideramos que a imagem tem um lugar de prioridade na pesquisa, pois norteará toda a investigação e, a partir dela, poderemos apresentar, ineditamente, as vestimentas do Brasil central no contexto dos estudos sobre o vestir das populações brasileiras.

Referências

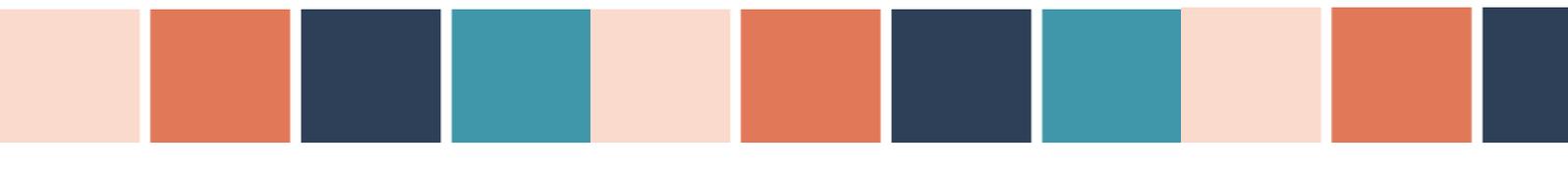
ANDRADE, Rita Morais de. Vestires indígenas em bonecas Karajá: argumentos para uma história da indumentária no Brasil. *In: História: questões e debates*, v.65, p.197-222, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/55395>. Acesso em: 28 jul. 2020.

ARRAIS, Cristiano Alencar; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de; LEMES, Fernando Lobo. **O século XVIII em Goiás: a construção da Colônia**. Goiânia: Cânome, 2019.

BARTHES, Roland. **Imagem e Moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHAUL, Nasr Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. 3. ed. Goiânia: Ed. UFG, 2010.

ECO, Umberto; LOMAZZI, Giorgio. **Psicologia do Vestir**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**; organização e revisão técnica: Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC. Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomas Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

LAVAR, James. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Schwarcz, 1989.

LEMKE, Maria. **Trabalho, família e mobilidade social**: notas do que os viajantes não viram em Goiás. 2012. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. **Educação Temática Digital**. Campinas, SP, v.18, n. 4, pp 745-768, nov.2016.

PALACÍN, Luis; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. **História de Goiás (1722-1972)**. 7. ed. Goiânia: Ed. da UCG, Ed. Vieira, 2008.

PEGORARO, Éverly. Estudos Visuais: principais autores e questionamentos de um campo emergente. **Domínios da Imagem**, Londrina, ano IV, n. 8, p. 41-52, maio 2011.

POHL Johann Emanuel. **Viagem ao Interior do Brasil**. Trad. AMADO M; AMADO E. Itatiaia/EdUSP, Belo Horizonte/São Paulo, 1976.

SAINT-HILLAIRE, Auguste. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goyaz**. Trad. Regina R. Junqueira; apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1975.

